



<http://revistarebram.com/index.php/revistauniara>

## ESTUDO SOBRE AUTOMEDICAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19 NA PARAÍBA

Graciele Nóbrega Nascimento\*; Leonardo Nascimento\*; Maria Clara Lino Justino\*; Daniela de Araújo Vilar\*

\* Centro Universitário Unifacisa, Campina Grande-PB.

\*Autor para correspondência e-mail: [gracielenobrega1398@gmail.com](mailto:gracielenobrega1398@gmail.com)

### PALAVRAS-CHAVE

Automedicação  
Uso de Medicamentos  
Prevalência  
COVID-19

### KEYWORDS

Self-Medication  
Medication Use  
Prevalence  
COVID-19

**RESUMO:** A automedicação é definida como a administração de medicamentos sem orientação ou prescrição médica, sendo o próprio paciente quem decide qual fármaco vai ser utilizado. O consumo de medicamentos sem prescrição, apesar dos riscos, tem se tornado uma prática comum na população brasileira em tempos de pandemia. O estudo teve como objetivo investigar a prevalência das principais causas da automedicação em tempos de pandemia do COVID-19, com foco em algumas cidades do estado da Paraíba. A coleta de dados ocorreu através do questionário acessado via Google Forms, com questões de natureza sociodemográficas e medicamentosas. 95,7% dos participantes declararam praticar a automedicação e 61,6% se automedicaram devido à pandemia. A classe terapêutica mais prevalente foram os analgésicos seguida pelos antiparasitários. Sendo os principais medicamentos de uso a dipirona, paracetamol e ivermectina. Os principais sintomas associados foram dor de cabeça e gripe/resfriado/tosse. Dentre os principais fatores associados à automedicação, destacam-se a praticidade e comorbidade e a facilidade de comprar na farmácia. Deste modo a atuação do profissional farmacêutico pode prevenir a automedicação, efetuando assim, importante papel no cuidado do paciente.

### STUDY ON SELF-MEDICATION IN TIMES OF COVID-19 PANDEMIC IN PARAÍBA

**ABSTRACT:** Self-medication is defined as the administration of medication without medical advice or prescription, with the patient himself who decides which drug will be used. The consumption of non-prescription medications, despite the risks, has become a very common practice in the Brazilian population in times of pandemic. This study aimed to investigate the prevalence of the main causes of self-medication in times of the COVID-19 pandemic, focusing on some cities in the state of Paraíba. Data collection took place through a questionnaire accessed via Google Forms, with sociodemographic and medicated questions. 95.7% of the participants reported practicing self-medication and 61.6% self-medicating due to the pandemic. The most prevalent therapeutic class was analgesics, followed by antiparasitic drugs. The main drugs used are dipyrone, paracetamol and ivermectin. The main associated symptoms are headache and influenza/cold/cough. Among the main factors associated with self-medication, practicality and comorbidity and the ease of buying at the pharmacy are noteworthy. In this way, the performance of the pharmacist can prevent self-medication, thus playing an important role in patient care.

Recebido em: 06/06/2022

Aprovação final em: 07/08/2022

DOI: <https://doi.org/10.25061/2527-2675/ReBraM/2022.v25i3.1742>

## INTRODUÇÃO

O coronavírus, denominado SARS-CoV-2 (COVID-19) foi descoberto pela primeira vez na cidade de Wuhan, localizada na China, um vírus que trouxe consequências graves de forma mundial, onde muitas pessoas têm sido vítimas do mesmo e levando até a morte. Esse mesmo vírus causou surto em todos os países levando a tomar medidas drásticas, mudando seus hábitos de vida, com regras de distanciamento social, uso obrigatório de máscaras, e isolamento de pessoas que foram infectadas e a quarentena para aquelas pessoas que tiveram contato com alguém infectado (MAZZUOLI, 2020).

Diante disso, as pessoas vêm se empenhando para não contraírem o vírus, no entanto, nesse cenário de pandemia, com divulgação na mídia social de possível tratamento para a COVID-19 houve um grande uso de medicamentos sem eficácia comprovada, como a hidroxicloroquina e a cloroquina. Essa situação completou-se com a compra de alguns medicamentos de forma descontrolada, aumentando os riscos da automedicação (SOUZA, *et al.*, 2021).

A automedicação pode ser definida como o ato de usar medicamentos aleatoriamente, sem diagnóstico previamente definido, tendo como objetivo cuidar de sintomas e tratar doenças. O farmacêutico é o profissional habilitado para orientar os pacientes quanto ao risco de autoadministração de medicamentos, de forma a evitar o uso irracional dos fármacos. Sua atuação em educação a automedicação tem sido essencial, principalmente por causa das dúvidas sobre a eficácia dos medicamentos em alta na pandemia (SILVA *et al.*, 2021).

A automedicação inadequada vem junto com muitos perigos como: auto diagnóstico incorreto e escolha inadequada de terapia; atrasar a procura de aconselhamento médico; efeitos colaterais de medicamentos utilizados inadequadamente. A ingestão de vários medicamentos - que podem ter interações imprevistas e / ou produzir interações com certos alimentos; a ingestão de dosagens incorretas de medicamentos; administração incorreta; risco de dependência; armazenamento de medicamentos em condições inadequadas (OSTROVSKI, 2020).

De acordo com Makowska *et al.* (2020), estudos começaram a surgir, expondo a influência da pandemia nos comportamentos de automedicação. Tais comportamentos parecem ser atribuíveis principalmente a sugestões da mídia de que as pessoas podem reaproveitar certos medicamentos com uma longa presença no mercado como tratamentos ou preventivos do COVID-19, que popularmente seriam eficazes. Entretanto, pode haver consequências perigosas por conta do uso inadequado ou irracional do medicamento, causando efeitos colaterais, e reações alérgicas, podendo levar até a morte.

A automedicação na pandemia, além dos agravos que podem causar ao paciente, tem grande impacto nos processos epidemiológicos e na morbimortalidade da população. Embora em períodos de crises sanitárias haja urgência em relação a definições como o uso de fármacos e terapias a serem usadas, faz-se de grande importância a averiguação de referências confiáveis e robustas o suficiente sobre o assunto para a tomada de decisões quanto aos tratamentos farmacológicos. Reforçando que nenhuma medicação deve ser utilizada sem comprovação científica e sem indicação médica, principalmente diante de doenças recém-descobertas ou emergentes (TAVARES; MEDEIROS, 2020). Devido a essa difícil situação, o presente trabalho teve como objetivo analisar a automedicação em tempos de pandemia de COVID-19 na população de algumas cidades da Paraíba.

## MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como observacional analítico, do tipo transversal, com características quantitativas, que teve por alvo a população de algumas cidades da Paraíba, mantendo a cooperação da população de outros estados, São Paulo, Recife e Rio Grande do Norte. O estudo de utilização de medicamentos no período de pandemia, teve como base o período de março até agosto de 2020. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento através

da CAAE nº46135221.4.0000.5175.

Foi realizada de forma online pela plataforma Google Forms, disponibilizado a partir da carta convite enviada por meio das redes sociais como o Instagram, WhatsApp e Facebook, pelas páginas dos participantes do projeto de pesquisa, que também solicitaram o compartilhamento do link de contato, seguindo orientações do Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, que expõe as instruções para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.

O link ofereceu ao participante acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na primeira página. Após, o participante foi direcionado a segunda página que continha o questionário, apresentando quesitos para a obtenção de informações sócio-demográficas e farmacológicas, isoladas ou em associação, oriundas da população das respectivas localidades.

A amostra teve como princípio dados obtidos a partir da população que aceitou responder o questionário disponibilizado a partir do link. Os dados coletados foram agrupados em tabelas, quadros e figuras, contendo as variáveis nominais e numéricas. Trabalhadas em estatística simples para informações de frequências absolutas e relativas, médias e desvio-padrão, valores mínimos e máximos. Empregando, para associação das respostas, a própria plataforma do questionário (Google Forms) e o software Excel.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente estudo 302 pessoas se disponibilizaram a responder o questionário online, dessas 214 (70,9%) são mulheres, a faixa etária prevalente foi a de 21 a 30 anos perfazendo 60,3% e o nível escolar superior incompleto obteve uma prevalência de 45,7%, conforme Tabela 1.

**Tabela 1** - Dados sociodemográficos.

IDENTIFICAÇÃO	Nº	PORCENTAGEM %
<b>SEXO</b>		
Feminino	214	70,9
Masculino	88	29,1
<b>IDADE</b>		
18 a 20 anos	45	14,9
21 a 30 anos	182	60,3
31 a 40 anos	44	14,6
41 a 50 anos	19	6,3
Acima de 50 anos	12	4,0
<b>ESCOLARIDADE</b>		
Superior incompleto	138	45,7
Superior completo	88	29,1
Ensino médio completo	50	16,6
Ensino médio incompleto	17	5,6
Fundamental completo	5	1,7
Fundamental incompleto	4	1,3

Nº = número de respostas

Fonte: Elaboração própria.

A cidade de Campina Grande obteve o maior percentual de participantes na pesquisa (35,0%), seguindo de Massaranduba (19,0%), Juazeirinho (9,0%), Lagoa Seca (9,0%), Serra Redonda (7,0%), outras cidades da Paraíba (15,0%) e outros estados como São Paulo, Recife e Rio Grande do Norte (7,0%). Gama e Secoli (2020) evidenciam a área regional de residência como fator sociodemográfico importante para a automedicação, cujo acesso aos profissionais de saúde impactam simultaneamente o acesso da população à assistência à saúde assim como ao uso racional de medicamentos.

O uso de medicamentos sem receita foi realizado por 289 (95,7%) dos indivíduos que responderam ao questionário. Uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) em 2019, por meio da Datafolha, constatou a automedicação como um hábito comum entre os brasileiros e que cerca de 77,0% confirmam ter feito uso de medicamentos sem ser prescrito por um médico nos últimos seis meses. Quase metade, 47,0% confirmaram se automedicar no mínimo uma vez por mês. Dias e colaboradores (2018) afirmam que a prevalência de uso de medicamentos sem receitas tem grande relação aos fatores que levam os pacientes a realizarem esta prática.

Dos pacientes que fizeram o uso de medicamentos sem receitas obteve-se a prevalência de mulheres (71,6%). Estudo realizado por Filler e colaboradores (2020) e Montes (2020), apresentam resultados semelhantes em suas pesquisas referentes aos indicadores sociodemográficos, no qual aponta uma maioria do sexo feminino da faixa etária de 18 a 30 anos que se automedicam.

Ao questionar os participantes sobre os motivos para a automedicação destacou-se a praticidade e comorbidades (50,0%) com maior prevalência, seguido da facilidade de comprar na farmácia sem receita (20,9%), dificuldade de acesso aos serviços de saúde (16,9%), outros motivos (11,6%) e falta de dinheiro (0,7%). A comodidade e praticidade é fundamentada pelo fácil acesso de medicamentos em casa como descrito em Gusmão e colaboradores (2018).

Observou-se também que 115 participantes (38,1%) responderam que fizeram uso de medicamentos por causa das mídias e 187 (61,9%) não chegaram a se automedicar por conta deste motivo. Apesar da maioria dos participantes não terem sido influenciados pelas mídias, os meios de comunicação em massa são os principais instrumentos utilizados pelas indústrias farmacêuticas para divulgação de produtos e medicamentos (GONÇALVES JÚNIOR *et al.*, 2018). No entanto, neste tempo de pandemia foi observado um preocupante aumento na venda de medicamentos relacionados a *fake news* associados à cura ou prevenção da COVID-19 (LIMA *et al.*, 2020).

A indicação da automedicação teve influência por vários segmentos como, por decisão própria (38,7%), mãe ou pai (23,2%), farmacêutico (15,9%), amigos e vizinhos (9,9%), outros parentes (6,3%) e balconista de farmácia (3,0%) (Tabela 2). Os resultados do estudo realizado por Xavier e Silva (2021) apontam que a automedicação realizada por conta própria e a indicação de um familiar são as influências mais prevalentes corroborando assim com os dados da nossa pesquisa.

Apesar dos riscos que a automedicação pode causar a população, apenas 41 (13,6%) pessoas afirmaram que tiveram algum efeito colateral devido a automedicação (Tabela 2). No entanto, o conhecimento dos efeitos colaterais desses medicamentos é nitidamente relativo à busca de orientações da população que se automedicam (PEGORARO *et al.*, 2019).

**Tabela 2 - Quesitos sobre a automedicação.**

DADOS	Nº	PORCENTAGEM %
<b>INDICAÇÃO DA AUTOMEDICAÇÃO</b>		
Por decisão própria	117	38,7
Mãe ou pai	70	23,2
Outros parentes	28	9,3
Amigos ou vizinhos	30	9,9
Balconista de Farmácia	9	3,0
Farmacêutico	48	15,9
Por decisão própria	117	38,7
<b>EFEITO COLATERAL DEVIDO A AUTOMEDICAÇÃO</b>		
Sim	41	13,6
Não	261	86,4

Nº = número de respostas

Fonte: Elaboração própria.

Quando questionado sobre as causas da automedicação, a dor de cabeça (79,8%) apresentou-se como principal sintoma para a busca dessa prática. Outros sintomas relacionados foram gripe/resfriado/tosse (59,9%), dor muscular/dor nas costas (53,3%), dor de garganta (49,3%) e febre (42,4%). Resultado esse que se encontra semelhante aos estudos de Lima *et al.* (2017) que em relação aos problemas de saúde para a automedicação a dor de cabeça e gripe/resfriado tiveram resultados de maior proporção. Cruz *et al.* (2019) mostraram que seus dados tiveram maior intensidade de uso pelos menos sintomas destacados no nosso estudo.

A Academia Brasileira de Neurologia (2017), apresentou que 81,0% dos brasileiros tomam medicamentos para dor de cabeça sem receita médica, gerando assim pacientes dependentes dos analgésicos, os quais necessitarão a curto prazo de doses mais fortes.

Diante do cenário da pandemia da COVID-19, no que se refere a automedicação nesse período, observou-se que 186 pessoas (61,6%) realizaram essa prática especificamente por causa do vírus. Destas 91 (30,1%) se automedicaram buscando a prevenção e 82 (27,2%) por causa dos sintomas da COVID-19 uma vez que, já estavam infectados (Tabela 3).

Num estudo realizado por Souza e colaboradores (2021) quando os participantes foram indagados a respeito da realização de automedicação com intuito de prevenir ou tratar a infecção pelo SARS-CoV-2, a maioria dos participantes relataram não ter se automedicado, e, quando indagados sobre o conhecimento dos potenciais riscos da automedicação, bem como dos efeitos colaterais que podem surgir, houve uma predominância de pessoas que afirmaram conhecer os efeitos adversos.

**Tabela 3 - Automedicação relacionada a COVID-19.**

DADOS	Nº	PORCENTAGEM %
<b>CHEGOU A SE AUTOMEDICAR DEVIDO A PANDEMIA</b>		
Sim	186	61,6
Não	116	38,4
<b>AUTOMEDICAÇÃO RELACIONADA A SINTOMAS DA COVID-19</b>		
Sim	82	27,2
Não	220	72,8
<b>AUTOMEDICAÇÃO RELACIONADA A PREVENÇÃO DA COVID-19</b>		
Sim	91	30,1
Não	211	69,9

Nº = número de respostas

Fonte: Elaboração própria.

A classe dos medicamentos, mais prevalente na automedicação em tempo de pandemia da COVID-19, entre a população do estudo foi, a dos analgésicos onde 217 (39,0%) pessoas fizeram uso seguido por antiparasitário (12,0%), antiinflamatório (10,0%) e antibióticos (10%). As demais classes dos medicamentos estão representadas na Tabela 4.

O estudo realizado por de Arrabal Júnior e Salvi (2019) afirmam que a classe dos analgésicos seguida pela dos anti-inflamatórios foram as mais prevalentes nesse período. E na pesquisa de Souza *et al.* (2021) a estratégica para prevenção à covid levou os participantes a se automedicarem com maior prevalência com o antiparasitário (Ivermectina). Observa-se assim que, outros estudos corroboram com os dados da nossa pesquisa.

**Tabela 4** - Classes dos medicamentos mais citados na pesquisa.

CLASSES	Nº	PORCENTAGEM %
ANALGÉSICO	217	39,0
ANTIPARASITÁRIO	64	12,0
ANTIINFLAMATÓRIO	55	10,0
ANTIBIÓTICOS	54	10,0
VITAMINAS	52	9,0
ANTIESPAMODICO/ANTICOLINERGICO	36	7,0
ANTIALÉRGICO	22	4,0
FITOTERÁPICO	7	1,0
ANTIEMÉTICO/ANTIISTAMÍNICO	6	1,0
EXPECTORANTE/MUCOLÍTICOS/BRONCODILATADORES	6	1,0
OUTROS	31	6,0

Nº = frequência que foi citado um medicamento da classe.

Fonte: Elaboração própria.

No que se refere aos medicamentos por princípio ativo, foi observado a prevalência do uso de dipirona (27,0%), ivermectina (20,0%), paracetamol (14,0%), polivitaminas (14,0%), azitromicina (10,0%), orfenadrina (9,0%) e ibuprofeno (6,0%) (Tabela 5).

Apesar da dipirona poder causar algumas reações adversas como induzir a discrasia sanguínea, em especial a agranulocitose, e o paracetamol, efeitos hepatotóxicos quando utilizado em doses elevadas ou continuamente. Resultados semelhantes ao da pesquisa, confirmam o uso da dipirona como o principal fármaco, seguindo do paracetamol (PEGORARO *et al.*, 2019).

A ivermectina, tem se por exceção por ser um medicamento que vem sendo usado para tratamento e prevenção contra COVID-19, apesar de ter mostrado eficácia contra o vírus apenas em testes *in vitro*, seu uso indiscriminado vem sendo associado aos muitos casos de resistência antimicrobiana, juntamente com a hepatotoxicidade, sendo proibido para uso irracional, e autorizado pela ANVISA e ministério da saúde em ambiente hospitalar (TELBISZ *et al.*, 2020).

**Tabela 5** - Medicamentos, por princípio ativo, mais citados no estudo.

MEDICAMENTOS POR PRINCÍPIO ATIVO	Nº	PORCENTAGEM%
DIPIRONA	90	27,0
IVERMECTINA	64	20,0
PARACETAMOL	47	14,0
POLIVITAMINAS	45	14,0
AZITROMICINA	34	10,0
OFENADRINA	28	9,0
IBUPROFENO	20	6,0

Nº = frequência que foi citado o medicamento

Fonte: Elaboração própria.

Sabendo-se que o farmacêutico é o profissional qualificado acerca do medicamento e, portanto, quem detém as informações essenciais para os usuários foi questionado na pesquisa a relevância da busca ao farmacêutico e constatou-se que 77,0% dos pacientes procuram serviços farmacêuticos e 95,0% afirmaram que o farmacêutico tem importância na indicação do uso correto de medicamentos.

A automedicação quando não houver uma assistência farmacêutica pode ocasionar danos à saúde, sendo esta uma prática que pode resultar numa enfermidade prejudicando não só a saúde como a vida do paciente, interferindo muitas vezes também no tratamento adequado de enfermidades (PORTO *et al.*, 2020).

A resolução 585, de 29 de agosto de 2013 (CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA) traz consigo as atribuições clínicas do farmacêutico, para promoção do uso racional de medicamentos dos pacientes, da comunidade e da família seja no âmbito individual como no coletivo, trazendo sempre resultados satisfatórios para uma boa qualidade de vida do paciente.

### CONCLUSÃO

O estudo demonstrou que 289 indivíduos fizeram uso de medicamentos sem receita médica, tendo como fator predominante a comodidade e praticidade, assim como, facilidade de compra de medicamentos.

Dentre os principais medicamentos de uso na automedicação durante a pandemia estão a dipirona, a ivermectina e o paracetamol. Apesar do risco de eventos adversos relacionados à automedicação, houve um pequeno percentual de efeitos colaterais.

Enfatiza-se que o profissional farmacêutico está fortemente inserido neste contexto, propiciando o reconhecimento e importância de sua atuação. Portanto abre-se a discussão sobre a necessidade da educação em saúde e informações que podem ser geradas e transmitidas por uma equipe multidisciplinar, abordando aos pacientes os riscos da prática da automedicação.

### REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Mais de 80% das pessoas que sofrem de dor de cabeça se automedicam, diz pesquisa. Academia Brasileira de Neurologia (ABN), 2017.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2017-05/mais-de-80-das-pessoas-que-sofrem-de-dor-de-cabeca-se>. Acesso em: 29 de Jul. 2021.

ANDRADE, S. M.; DOS REIS, A. C.; CUNHA, M. A.; SANTOS, A. C. S.; SILVA, L. S. O.; VERDE, R. M. C. L.; OLIVEIRA, E. Assistência farmacêutica no estoque domiciliar de medicamentos. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 4, 2020.

ARRABAL JÚNIOR, J. M.; SALVI, J. O. Fatores associados à automedicação em uma farmácia comunitária de Ouro Preto do Oeste, Rondônia. **Acta Biomedica Brasiliensia**, v.9, n.2, 2018.

ARRAIS, P. S. D.; FERNANDES, M. E. P.; PIZZOL, T. S. D.; RAMOS, L. R.; MENGUE, S. S.; LUIZA, V. L.; TAVARES, N. U. L.; FARIAS, M. R.; OLIVEIRA, M. A.; BERTOLDI, A. D. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Rev Saúde Pública**, v.50, 2016.

BARROS, D. S. L.; SILVA, D. L. M.; LEITE, S. N. Serviços farmacêuticos clínicos na atenção primária à saúde do Brasil. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v.18, n.1, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS. Brasília, DF: **Ministério da Saúde**, 24 fev. Disponível em: [http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio\\_Circular\\_2\\_24fev2021.pdf](http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf).

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), por meio do Instituto Datafolha, sobre o comportamento dos brasileiros em relação à compra e ao uso de

medicamentos teve grande repercussão na imprensa nacional. **Conselho Federal de Farmácia**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5279>. Acesso em: 26 de Jul. 2021.

**CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA**. Resolução Nº 585 de 29 de Agosto de 2013. Disponível em: <https://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/585.pdf> Acesso em: 03 de Agosto de 2021.

CRUZ, E. S.; DA SILVA, I. I.; AUGUSTO, V.; COELHO, A. Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e humanas. **Revista Saúde UniToledo**, Araçatuba, São Paulo, v.03, n.01, p.02-12, 2019.

DIAS M. C.; SOTTE, D. M. K. S.; CAMARGO, R. L.; PEREIRA, N. B. C.; GALITO, M. T. M.; OLIVEIRA, M. E. S.; GAZZONI, M. B.; PAIVA, J. R. O. C.; PENNA, I. V.; FLORA G. S.; E SILVA, F. P. Q.; OLIVEIRA, D. B. Conhecimento quanto aos medicamentos de uso contínuo e automedicação dos usuários atendidos pelos serviços da atenção primária em um bairro da cidade de Manhuaçu-MG. **Seminário Científico da UNIFACIG**, n.4, 2018.

ESHER, A.; COUTINHO, T. Uso racional de medicamentos, pharmaceuticalização e usos do metilfenidato. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.22, n.8, 2017.

FERNANDES P. C.; FARIA G. G.; PEREIRA D. L. A importância do uso racional de medicamentos nas políticas de atenção farmacêutica e a prevenção da automedicação da população. **Sci. Elec. Arch**, v.13, n.5, 2020.

FILLER L. N.; DE ABREU, E. B.; DA SILVA, C. B.; DA SILVA, D. F.; MONTIEL, J. M. Caracterização de uma amostra de jovens e adultos em relação à prática de automedicação. **Rev. Psicol Saúde e Debate**, v.6, n.2. 2020.

GAMA, A. S. M.; SECOLI, S. R. Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira. **Rev Bras Enferm**, v.73, n.5, 2020.

GONÇALVES-JÚNIOR, J.; MOURA, S. E. S.; DANTAS, G. C. L.; DE LIMA, A. M.; DE BRITO, W.S. B.; SIEBRA, B. O. B.; DE SALES, J. P.; CÂNDIDO, E. L. Influência da publicidade na automedicação na população de um município brasileiro de médio porte. **J. Health Biol Sci**, v.6, n.1, 2018.

GUIMARÃES, A. S.; CARVALHO, W. R. G. Desinformação, Negacionismo e Automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. **InterAm J Med Health**, v.3, 2020.

GUSMÃO E. C.; XAVIER, L. A.; MOTA, G. A.; DE DEUS, I. A. A.; SANTANA, L. T. G.; VELOSO, D. M. F.; COSTA, M. R.; OLIVEIRA, L. B.; ANDRADE, J. M. O.; CASTRO, I. D. A.; DE PRINCE, K. A.; DE OLIVEIRA, M. V. M.; SANTO, L. R. E. Automedicação em idosos e fatores associados. **Revista Eletrônica Acervo Saúde/Electronic Journal Collection Health**, v. 11, n. 2, 2018.

HENRIQUES, M. Q. S.; BARBOSA, D. H. X.; DE ARAUJO, G. R.; ALMEIDA, M. B. M.; DE ARAÚJO, M. R. C.; RODRIGUES, R. C. S.; ALVES, D. N.; ABÍLIO, G. M. F.; DE CASTRO, R. D. Promoção do uso racional de medicamentos no contexto dos 3º e 4º ciclos da educação de jovens e adultos. **Revista**

**Ciência Plural**, v.22, n.2, 2020.

LIMA, D. M.; DA SILVA, J. S.; VASCONCELOS, L. F.; CAVALCANTE, M. G.; CARVALHO, A. M. R. Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza- CE. **Revista Expressão Católica Saúde**; v. 2, n. 1; Jan – Jun; 2017.

MAKOWSKA, M.; BOGUSZEWSKI, R.; NOWAKOWSKI, M.; PODKOWIŃSKA, M. Self-Medication-Related Behaviors and Poland's COVID-19 Lockdown. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, v. 17, 2020.

MÁXIMO, S. A.; ANDREAZZA, R.; CECÍLIO, L. C. O. Assistência farmacêutica no cuidado à saúde na Atenção Primária: tão perto, tão longe. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, 2020.

MAZZUOLI, V. O. Responsabilidade internacional dos estados por epidemias e pandemias transnacionais: o caso da COVID-19 provinda da República Popular da China. **Revista de Direito Civil Contemporâneo**, v.23, 2020.

MONTES F. C. Incidência e conhecimento sobre automedicação: perfil de usuários de medicamentos numa determinada população. Orientadora Profa. Ms. Estefânia Aparecida de Carvalho Pádua. Monografia (graduação enfermagem). **Centro Universitário de Lavras**. Lavras, Minas Gerais, 2020.

MOREIRA, T. A.; ALVARES-TEODORO, J.; BARBOSA, M. M.; GUERRA-JÚNIOR, A. A.; ACURCIO, F. A. Uso de medicamentos por adultos na atenção primária: inquérito em serviços de saúde de Minas Gerais, Brasil. **Rev Bras Epidemiol**, v. 23, 2020.

OSTROVSKI, E. G.; KEIL, E. S.; KEUNECKE, F. R.; BARBOZA, J.; WIESE, L. P. L.; DANSKI, V. R. R. Projeto de extensão riscos da automedicação: relato de experiências em educação em saúde. **Revista de Extensão do Instituto Federal Catarinense**, v.1, n.13, 2020.

PALODETO, M. F. T.; FISCHER, M. L. Apropriação da terminologia 'uso consciente de medicamentos' visando à promoção da saúde global. **Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, v13, n.1, 2019.

PEGORARO, C. M. R.; BIFARONI, R. M. S.; MARECO, E. A.; TONIZZA, T. R.; SILGUEIRO, L. I. Caracterização da prática de automedicação com analgésicos para o tratamento da dor. **Colloq Vitae**, v.11, n.3. 2019.

PORTO, T. N. R. A.; RODRIGUES, T. S.; BALDOINO, L. S.; SANTOS, E. M. S.; NETO, B. P. S.; MARTINS, V. S.; CARVALHO, D. P.; FALCÃO, C. P. M.; FEITOSA, G. T. Fatores associados à automedicação em estudantes de enfermagem e enfermeiros: revisão integrativa de literatura. **REAS/EJCH**, v.12, n.10, 2020.

SILVA, J. S.; DA PAIXÃO, J. A.; ARAÚJO, M. J. L.; SANTOS, S. C. Automedicação e a importância da orientação farmacêutica durante a pandemia de Covid-19. **Revista Artigos. Com**, v. 32, p. e9196-e9196, 2021.

SOUZA, A. F.; PINHEIRO, A. C.; PORTO, J. M.; COSTA, J. S. C.; DIAS, R. C. N.; ARAÚJO, L. M. B.; AMÂNCIO, N. F. G. COVID-19: Automedicação de indivíduos psicologicamente afetados. **Brazilian Journal of Development**, V.7, n.1, 2021.

SOUZA, M. N. C.; RICARDINO, I. E. F.; SAMPAIO, K.; SILVA, M. R.; DE LIMA, A. P. G.; FERNANDES, D. L.; SAMPAIO, A. C.; FEITOSA, A. C.; DE BRITO, A. B.; GUEDES, T. O.; MOTA, M. L. Ocorrência de Automedicação na população Brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2. **Research, Society and Development**. v. 10, n. 1, 2021.

TAVARES, T. R. P.; MEDEIROS, L. H. C. Ciências da saúde no Brasil: contribuições para enfrentar os desafios atuais e futuros. Campina Grande: **Editora Ampla**, 2020.

TELBISZ, A.; AMBRUS, C.; MÓZNER, O.; SZABÓ, E.; VÁRADY, G.; BAKOS, E.; SARKADI, B.; ÖZVEGY-LACZKA, C. Interactions of anti-COVID-19 drug candidates with multispecific ABC and OATP drug transporters. **BioRxiv**, 2020.

XAVIER, C. M.; SILVA, R. S. Prevalência da automedicação entre estudantes da universidade federal do sul da Bahia- UFSB - Campus Sosígenes Costa. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v.22 n.1, Jan. - Mar. /2021.